Corpo, Arte e Política – as contribuições de Roberto Freire para a Psicologia no Brasil

Nada é mais contagiante do que o gosto pela liberdade.

Roberto Freire

Roberto Freire (1927-2008) – médico, pesquisador, psicanalista, romancista, repórter, diretor de teatro, diretor de cinema, letrista, poeta. E criador da *Soma* – uma terapia anarquista, a *Somaterapia*. Foram tantos os caminhos percorridos por Roberto Freire, que muitas vezes parecem não poder fazer parte de uma única vida. Quando o conheci, ele já estava com 67 anos, muitos projetos ainda a realizar e alguns problemas de saúde que rapidamente foram se agravando. De jeito sempre inquieto, envolvia-se com várias coisas ao mesmo tempo. E quando aquilo que mais gostava de fazer não foi mais possível, escrever, resolveu fazer um disco com seus filhos músicos. Quando Roberto Freire me disse isso, que iria fazer um disco, respondi: *Que bacana, agora só falta você dançar. Tudo o mais você já fez na vida!* Rindo, retrucou: *Pois é, falta fazer ballet!* Mas dentre tantas experiências, a Somaterapia terá sido, sem dúvida, a sua principal contribuição enquanto teórico e libertário. Talvez porque ela combinasse de maneira muito original a arte com a política, como se fosse a combinação capaz de gerar ciência.

Considerado um dos grandes divulgadores das teorias de Wilhelm Reich no Brasil – juntamente com José Ângelo Gaiarsa –, Freire deixou importantes pesquisas sobre o corpo no ambiente *psi*; mas acima de tudo desenvolveu práticas que abordavam a interface da psicologia com a política. Na pesquisa realizada por Cecília Coimbra em *Guardiões da Ordem – uma viagem pelas práticas psi no Brasil do 'milagre'* (Coimbra, 1995), um estudo marcante

sobre a psicologia brasileira nas décadas de 1970 e 1980, a autora associa o crescimento das terapias ditas alternativas à contracultura da década de 1960, criando assim o que chamou de Movimento do Potencial Humano. Porém o aspecto político presente na Soma é apontado como um diferencial frente a outras abordagens.

De todos os chamados “corporalistas”, tanto paulistas quanto cariocas, o único, sem dúvida, que traz em seus discursos a palavra política de forma clara é Roberto Freire. (...) As observações feitas sobre o trabalho “corporal” de Roberto Freire foram aqui colocadas pela “diferença” que seu discurso comporta em relação aos demais da área, embora tais práticas em muito se assemelhem (Coimbra, 1995: 287-288).

Antes de ser chamada de Soma, Freire buscou outros nomes, como “anti-psicoterapia”, numa tentativa de contrapor-la aos métodos tradicionais, ainda fortemente influenciados pela psicanálise. Assim, ao invés de nomes que partissem do radical *psi*, preferiu Soma, que em grego poderia ser traduzida como “a totalidade do ser”. Freire buscava romper com a compreensão tradicional que mantém a hegemonia da Razão sobre o corpo, sobre aquilo que é sensível.

Essa nova maneira de fazer terapia e a pesquisa por novas teorias que pudessem auxiliá-lo nesse processo são descritas nos artigos e crônicas publicadas nos jornais *Aqui São Paulo* e *Folha de São Paulo* (caderno *Folhetim*). Tais textos são mais tarde publicados no livro *Viva eu, Viva tu, Viva o rabo do tatu!*, uma coletânea de artigos e novos ensaios sobre esse processo criativo. As dúvidas e anseios de um terapeuta questionando os dogmas científicos estão ali expostos, assim como a influência da Gestalt e da Antipsiquiatria, além do interesse pela Capoeira Angola. É importante lembrar que vivia-se nesse momento a forte repressão da Ditadura Militar. Assim como vários de seus amigos, Freire também é preso e torturado. Por isso, talvez mais importante do que o método fosse a ética a ser seguida.

Se as pessoas que procuram psicoterapia sabem por que necessitam dela, os terapeutas devem também fazê-las saber, clara e honestamente, porque, para que e como a praticam. A meu ver – ao contrário do que comumente se pensa ou se fez pensar – isto facilita, abrevia e moraliza as psicoterapias... (Freire, 1977: 19-20).

Sabia-se – e sabe-se até hoje – que a psicologia deveria ser reinventada. E frente à repetição do mesmo, ele buscou novas teorias e práticas. Nesse rumo, seguindo a teoria do Orgone e o papel da moral nas sociedades atuais, o prazer surge como um norte. Ou o Tesão, como gostava de dizer, englobando não somente o prazer orgástico, mas também os espaços para as experimentações de alegria e de beleza.

Trazer aqui alguns passos dados por esse intelectual, artista, militante e terapeuta marginal não foi uma tarefa fácil. Em determinados momentos de sua vida, seus passos se confundem entre o teatro, a clínica e a luta contra a ditadura. Foi membro do júri em vários Festivais Internacionais da Canção (FIC), sendo brutalmente retirado do palco e espancado após a leitura de um manifesto contra os militares. Tudo ao mesmo tempo agora. Para seguir adiante, tomo como apoio sua autobiografia (Freire, 2002) e as entrevistas dadas a Jorge Goia, utilizadas na dissertação de mestrado *Conversações com um Terapeuta Anarquista, Roberto Freire e a Soma* (Goia, 2001). Elas talvez organizem um pouco os passos para que possamos seguir adiante, trazendo algumas indagações. Muita coisa ficou de fora, ou então teria que escrever um livro. Mas espero que esta breve biografia possa mostrar a importância de Roberto Freire e trazer contribuições para possíveis reflexões sobre o papel da psicologia e do psicólogo hoje.

* * *

eu sentia desde cedo que aquilo que eu era, o que eu desejava, que eu queria alcançar, conhecer melhor, não era exatamente o que me era favorecido pela família e

pelo ambiente social. Eu vivi este conflito com uma sensação inicial de inadequação. Estou aqui no mundo, mas não pertencço a este mundo. Tenho que participar destas coisas, com estas pessoas que estão ao meu lado, e não sou igual a elas. E elas sabem que não sou igual a elas. Há uma tendência geral que leva as pessoas a se adaptar e se encaminhar dentro deste conflito entre o que as pessoas realmente são e o que elas podem e são permitidas ser. Esta sensação eu já percebi muito pequeno.

(Depoimento, em Goia, 2001: 16)

Quando decidiu escrever sua biografia – decisão extremamente difícil de ser tomada, pois sempre achou que as biografias eram um tanto exageradas e mentirosas –, Roberto Freire trouxe no título uma frase de Arthur Rimbaud: “Eu é um Outro”. Além de fazer uma espécie de homenagem ao poeta que tanto o inspirava, havia um outro que realmente fez parte de sua vida, na época em que morava no Bexiga. Como diz em sua autobiografia, “posso identificar, precisamente, o José Luís Pati, mais precisamente o Zé Luís, como o melhor exemplo de personificação do outro que foi se tornando o meu Eu, de acordo com a teoria do Rimbaud”. (R. Freire, em Goia, 2001: 19).

Zé Luís pertencia a uma família atenta aos movimentos políticos que na época estavam efervescendo com a ditadura Vargas. Foi na casa do Zé Luís que Roberto Freire conheceu Oswald e Mário de Andrade. Como estudantes secundaristas, iam com o irmão mais velho de Zé Luís para as ruas, nas passeatas organizadas pelos estudantes de Direito do Largo de São Francisco. Participaram da Juventude Comunista. Através dos livros em espanhol que Zé Luís tinha em casa, Freire conheceu Garcia Lorca e os horrores do fascismo.

Roberto era um garoto tímido e gago, filho de uma tradicional família paulistana. Era apenas com Zé Luís que conseguia conversar tranqüilamente.

Mesmo com os pais a gagueira imperava, transformando seu jeito de estar no mundo.

E neste período de gagueira eu aprendi uma coisa que foi fundamental para todo o resto. Eu adquiri uma competência extraordinária para ouvir as pessoas. Um gago se ele quer viver socialmente, ele tem que ouvir. Senão ele não convive. E eu adquiri uma acuidade auditiva, não interpretativa, mas que vai fundo. Até que de repente, um dia, eu já fazia Soma, um cliente me disse que não queria deixar a terapia de jeito nenhum. Perguntei por que. E ele respondeu: porque você é a única pessoa que sabe ouvir criativamente (Depoimento, em Goia, 2001: 16-17).

Freire deixa as rodas literárias paulistanas e ingressa na Faculdade Nacional de Medicina, no Rio de Janeiro. A escolha da medicina não foi bem uma escolha. A sensação que teve foi a de ter seguido uma linha reta, um caminho lógico a ser tomado numa família de médicos e advogados. Especializa-se em Endocrinologia e, em 1953, recebe uma bolsa da UNESCO para prosseguir suas pesquisas no *Collège de France*, em Paris, sob orientação do professor Robert Courier. Morou em Paris de 1953 a 1955, período que exerceu importante influência para a retomada das idéias socialistas, principalmente através do existencialismo de Sartre e Camus. De volta ao Brasil, casa-se com Gessy, sua namorada dos tempos de faculdade, com quem teve três filhos. Zé Luís morre precocemente aos 30 anos.

Após alguns anos trabalhando como endocrinologista clínico, Freire inicia sua formação em Psicanálise através da Sociedade Brasileira de Psicanálise/SP, com o prof. Henrique Schlomann. Em 1956, realiza trabalhos de acompanhamento clínico no Centro Psiquiátrico Franco da Rocha/SP. Suas divergências teóricas e ideológicas se ampliam e ele acaba se distanciando da psicanálise, interrompendo a formação, ao mesmo tempo em que se aproxima cada vez mais do campo artístico, literário e político brasileiros.

Roberto Freire, militante clandestino, lutou contra a ditadura militar através da AP (Ação Popular), e cada vez mais não encontrava na Psicanálise nem na Psicologia tradicional as ferramentas necessárias que auxiliassem nos conflitos emocionais de seus companheiros de luta, que o procuravam buscando algum tipo de ajuda psicológica. Foram principalmente as pesquisas de um cientista renegado pelo meio acadêmico – considerado por muitos como o dissidente mais radical da Psicanálise –, Wilhelm Reich, que influenciaram Freire na criação de uma nova técnica terapêutica corporal e em grupo.

O curioso é observar que Freire conheceu Reich não nos seminários de psicanálise, mas num teatro. Foi na peça *Paradise Now*, do grupo de teatro anarquista *Living Theatre*, dirigido por Julian Beck e Judith Malina. Em sua autobiografia, ele nos conta que o espetáculo lhe “causou profundo, delicioso e inesquecível impacto por sua beleza e estranha comunicação corporal, sensorial e sobretudo sensual” (Freire, 2002 : 233).

Ali estavam traçados alguns caminhos que seriam percorridos por Roberto Freire para a criação da Soma. Logo começou a desenvolver exercícios corporais para o desbloqueio da criatividade, no Centro de Estudos Macunaíma, com as contribuições de Miriam Muniz e Sylvio Zilber. Através de exercícios teatrais, jogos lúdicos e de sensibilização, criou uma série de vivências que possibilitavam uma rica descoberta sobre o comportamento, suas infinitas e singulares diferenças. Criava situações nas quais podia perceber como o corpo reagia diante de situações comuns no cotidiano das relações humanas, como a agressividade, a comunicação ou a sensualidade. Observar como o corpo se associava à emoção possibilitava um resgate daquilo que nos diferenciava.

A visão política de Reich, que apontava a existência de uma relação direta entre o *Zé Ninguém* da Alemanha na década de 1930 e a ascensão do nazismo, era, para Freire, uma proposta teórica muito mais instigante do que os caminhos propostos pela psicanálise. Além disso, a crítica veemente de

Reich aos fascismos, fossem eles negros ou vermelhos, trouxe-lhe uma leitura muito próxima ao momento político do Brasil na década de 1960. Para Freire, todo processo terapêutico deveria ter um conteúdo ideológico explícito e o Anarquismo passou a servir como uma linha-guia permanente para seus estudos e práticas nessa construção de uma nova terapia e de um outro modo de ser terapeuta. Mas é necessário compreender que a anarquia surge muito mais como uma proposta ética e estética intrínsecas às relações de poder, e não como outro dogma.

Nesse momento embrionário da Soma, Freire foi associando a vida científica às atividades artísticas e culturais. Como dramaturgo, escreveu 7 peças, sendo *Quarto de Empregada* a mais conhecida, e encenada até hoje. Entre outras experiências no teatro, trabalhou como diretor em *Escorial*, de Michel Guelderhode, *O&A* (co-direção com Sionei Siqueira) e *Morte e Vida Severina*, de João Cabral de Melo Neto. Durante os ensaios desta última peça, produzida e encenada por estudantes da PUC de São Paulo para a construção do TUCA, chegou-se à conclusão de que seria necessário um músico que tocasse relativamente bem o violão, acompanhando os poemas do Auto de Natal Pernambucano. Freire lembrou-se de um jovem estudante de arquitetura da USP, conhecido como *Carioca*. Era Chico Buarque. Ele aceitou o convite e a peça, que trazia elementos estéticos bastante inovadores, foi premiada no Festival Universitário de Nancy, França, em 1966. Outro trabalho igualmente importante de Roberto Freire foi a co-direção (ao lado de Miriam Muniz) do espetáculo *Falso Brillhante*, um marco na carreira de Elis Regina.

Na tentativa de buscar um diretor que topasse uma empreitada do porte que Elis estava querendo, (...) Silnei Siqueira indicou sua vizinha, a atriz Miriam Muniz, casada então com o ator Sylvio Zilber e no comando do Centro de Estudos Macunaíma, onde se tentava conciliar o trabalho de atores com as experiências psicanalíticas de Roberto Freire.

Miriam Muniz. Quando as duas trocaram os primeiros olhares, quem tinha sensibilidade percebeu. Isso aí ainda vai dar muito pano pra manga! Dois temperamentos fortes, duas mulheres explosivas e talentosas. (Echeverria, 1985: 150-151).

Miriam Muniz, importante atriz do teatro brasileiro, era uma grande amiga de Roberto Freire. Participou de maneira direta, assim como Sylvio Zilber e o cenógrafo Flávio Império, do momento embrionário da Soma no final da década de 1960. Para Miriam Muniz, a relação com Elis Regina “era uma relação que parecia uma dinamite. Eu dinamitando e ela acontecendo. Quando acabou, eu estava completamente enlouquecida” (Depoimento, em Echeverria, 1985: 168).

Interessante é notar como se dava esta experimentação da arte com a psicologia. Segundo Miriam Muniz,

Quando Elis chegou no Macunaíma e começou o trabalho com a gente, disse que estava com um problema de trava na voz. Que não conseguia soltar tudo o que podia. Na hora de cantar doía tanto que parecia que a voz estava desaparecendo. E foi uma mexida emocional muito forte nela. Ela era exagerada, exagerada... Se não fosse o Roberto Freire eu não tinha segurado. Ele estava sempre por perto, feito um fantasma. Teve muita paciência. Não éramos só nós duas que tínhamos cabeças complicadas. Todos tinham. (Depoimento, em Echeverria, 1985: 175)

Entre romances, contos e ensaios, Roberto Freire escreveu mais de 25 livros. Alguns infanto-juvenis, como *As Aventuras de João Pão – um menor abandonado*. Para Frei Betto, companheiro de Roberto Freire (ou Bigode, como era conhecido) na Ação Popular, grupo ligado à esquerda católica, e mais tarde na revista *Caros Amigos*, “Bigode era a usina de idéias” (Frei Betto, 2008: 11) - sem dúvida uma bela imagem para ilustrar um homem que realizou tantas coisas.

Apesar de já desiludido com a luta marxista, seja através do contato mais direto com grupos leninistas, seja através do convívio com comunistas

através do teatro (Gianfrancesco Guarnieri e Augusto Boal, entre outros), Roberto Freire opta por uma militância através da AP. Para ele, naquele momento era necessário lutar contra a estúpida repressão militar que havia se instaurado. E nesses momentos, as diferenças entre anarquistas e marxistas teriam de ser superadas.

Mais tarde, quando o embate com as forças reacionárias se tornou menos direto, retoma seu contato com Jaime Cubero, figura ímpar na história do anarquismo no Brasil, através do Centro de Cultura Social, o CCS, em São Paulo. Cubero assumia um pouco o papel que teve Edgard Leuenroth para a história do anarquismo no Brasil – dois importantes militantes anarquistas que foram fundamentais no registro de sua história. Apesar do papel importante que o anarquismo desempenhou junto aos sindicatos no início do século passado e na ditadura Vargas, durante a ditadura militar o marxismo assumiu o posto de “vanguarda revolucionária do proletariado”.

Nessa época, Roberto Freire vive um momento de reencontros e de solidão na sua busca por uma ideologia que estivesse fortemente atada ao cotidiano, e não à busca pela tomada de poder. Porém um descolamento duplo de retina o leva a uma longa internação num hospital de Belo Horizonte. Cego, resolve gravar as longas conversas que tinha em companhia do amigo e jovem professor de Ciências Políticas, Fausto Brito. Desses diálogos surge o livro *Utopia e Paixão – a política no cotidiano* (para mim, o livro que melhor sintetiza as idéias propostas por Roberto Freire).

Partindo da sua própria escuridão e do obscurantismo em que se vivia no Brasil daquela época – daquela época? –, Roberto Freire e Fausto Brito irão trazer contradições e paradoxos entre a luta por liberdade em planos sociais e uma ética e estética do indivíduo, nas suas micro-relações. Contra a fé cega nas ideologias, os autores alertam para o perigo de toda escravidão, que sempre é também tão segura. Mesmo quando a contracultura já parecia estar um pouco fora de moda, insistem:

Risco é sinônimo de liberdade.

É na busca da segurança que se estabelece o poder. Quem gosta do risco e se aventura, aceita a insegurança, porque tem sua própria utopia, vive de satisfazer, a qualquer preço, sua necessidade de prazer.

O máximo de segurança é a escravidão. Sendo escravos, somos propriedade de alguém, não corremos nenhum risco desde que obedeçamos as leis da escravidão, que não abrem mão do fundamental: não ser livre, não ter opção. (Freire e Brito, 1988: 74).

Apesar de ser um ensaio escrito de modo bastante coloquial (como gostava de fazer em todos os seus livros), Roberto Freire influenciou não somente jovens e hippies, mas também pesquisadores sedentos por autores que pudessem transpor de algum modo as idéias de Bakunin, Kropotkin e Malatesta para os dias de hoje – como o educador e filósofo Silvio Gallo, autor do livro *Pedagogia do Risco – Experiências Anarquistas em Educação*, em 1995. Em outro livro sobre esse tema, *Pedagogia Libertária - Anarquistas, Anarquismos e Educação*, Gallo se refere a tal influência na construção de novos paradigmas que possam interromper esta aula eterna e única que vemos nas salas das escolas: o aprendizado do embotamento humano e social.

Num certo dia de março de 1985 entrei numa livraria em Campinas, coisa que fazia com muita freqüência, e encontrei um livrinho de capa colorida e chamativa. O Título, ainda mais convidativo: *Utopia e Paixão - a Política do Cotidiano*. Levei, li e me apaixonei. Estava acostumado a ler os “clássicos” anarquistas do século XIX, mas lia também Deleuze e Guattari, Foucault. Ler Roberto Freire foi uma experiência bastante interessante. Descobri ali um anarquismo diferente dos clássicos novecentistas. Sobretudo um anarquismo que me dizia mais coisas, que me falava da vida. De minha vida e de minhas possibilidades de ação política no cotidiano. E essa política do cotidiano tinha uma forte relação com a pedagogia libertária. (Gallo, 2007:13).

Essas possibilidades vitais e cotidianas parecem que pouco a pouco vão se perdendo frente ao jogo da moral e dos bons costumes. Ou, como diria Rimbaud, “por educação perdi minha vida”. A obra de Roberto Freire procurava sempre abrir brechas e não foram poucas as vezes em que provocou constrangimentos. Na década de 1990, quando o conheci, estava sempre muito presente na mídia seu homônimo, o hoje presidente do PPS. Roberto brincava dizendo que havia dois: o político e o louco. No lançamento do livro *Sem Tesão não há solução*, os jornais muitas vezes divulgavam: Roberto Freire irá lançar nesta quarta-feira o seu mais recente livro *Sem T... não há solução*.

Dos romances que escreveu, dois deles são bastante conhecidos: *Coiole e Cleo e Daniel*. *Cleo e Daniel* foi seu primeiro livro, e já bastante controverso. Publicado em 1966, teve suas primeiras linhas escritas durante uma das inúmeras prisões sofridas durante o regime militar. Os jovens daquela época liam o livro às escondidas, deliciando-se com as cenas de paixão entre dois jovens paulistanos – uma história de amor que remetia a outras, como Romeu e Julieta ou Tristão e Isolda. O amor de Cleo e Daniel surgiu a partir de um romance pastoral grego do século VII, *Daphnis e Chloe*. Mais tarde, Roberto Freire resolve transpor para as telas de cinema seu romance, o que foi um fiasco. Apesar de algumas cenas belíssimas e de uma maravilhosa interpretação de Miriam Muniz no papel de uma cafetina, a verba acabou na metade das filmagens, comprometendo a qualidade final do filme.

Talvez tenha sido melhor assim. Um filme meio marginal para alguns, meio *cult* para outros. Experimentações entre vida e arte, como também apostam os dois “Michéis”: o Foucault e o Onfray. Talvez Roberto Freire tenha sido um homem que procurou viver as intensidades.

Na introdução ao capítulo *Paraíso, agora* (em referência à peça *Paradise, Now*), no livro *Viva eu, Viva Tu, Viva o Rabo do Tatu!* (escrito em 1977) e, depois, na abertura do livro *Soma – uma terapia anarquista*, vol. 2,

Roberto nos conta o diálogo de um garoto que dizia para a mãe que queria ser poeta, contrariando as expectativas dela. Os olhos daquele menino – enxutos e com chispas de ódio – transformaram a imagem do “Poeta” no paradigma fundamental do ser em liberdade. E ele nos confidencia:

...porque este livro é de alguém que se sente um poeta como o garoto da história do trem de subúrbio, que tanto nas outras formas de arte que exerceu (bem ou mal, não importa agora), como na sua forma de atuar terapêuticamente, colocou em figura o que há de poeta em sua pessoa e o que a profissão ocasional exigia (sobretudo na somaterapia) como fundo, utilizando-se da linguagem gestáltica agora, talvez porque seja a única que explica correta e realmente esse fenômeno. (Freire, 1990: 263).

Acredito que esta imagem propõe reflexões importantes sobre o “como” e o “porquê” se exerce alguma atividade no campo *psi*. E talvez possa auxiliar na construção de novos rumos. Os tempos de hoje não são mais de chumbo. Mas o embotamento parece provocar a mesma busca por segurança. Como Roberto Freire dizia, “a guerra ainda não terminou, mas meus cúmplices estão desaparecendo um a um, pela morte ou pelo cansaço.” (depoimento cedido a Marco Brant no documentário *Utopia e Paixão*, 2005). Parece-me que algumas questões são extremamente atuais, mesmo que quarenta anos depois da primavera de 1968. Rever as apostas e as contradições de Freire na construção de uma outra prática terapêutica talvez possa contribuir para começarmos a ensaiar algumas respostas. Ou para reformularmos as perguntas. O que fica é a certeza de que cabe agora a nós não só repensar o papel da psicologia, mas acima de tudo sermos os condutores destes novos rumos que ela pode tomar.

Vera Schroeder
Somaterapeuta e doutoranda do Programa de Pós-Graduação em
Psicologia Social/UERJ.
vera@somaterapia.com.br

Referências Bibliográficas

- BETTO, Frei. Três Caros Amigos. *Revista Caros Amigos*, São Paulo: Editora Casa Amarela, n.136, ano XII, 2008.
- BRANT, Marco Aurélio. *Utopia e Paixão*. Documentário 30', DVCam, 2005.
- COIMBRA, Cecília. *Guardiães da Ordem – uma viagem pelas práticas psi no Brasil do "Milagre"*. Rio de Janeiro: Oficina do Autor, 1995.
- ECHEVERRIA, Regina. *Furacão Elis*. Rio de Janeiro: Nórdica, 1985.
- FREIRE, Roberto. *Cleo e Daniel*. Rio de Janeiro: Rocco, 1966.
- _____. *Viva eu, viva tu, viva o rabo do Tatu!*. São Paulo: Símbolo, 1977.
- _____. *Coioote*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.
- _____. *Utopia e Paixão*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1984.
- _____. *Sem Tesão não há Solução*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.
- _____. *Soma. Uma Terapia Anarquista*. Vol 1. A Alma é o corpo. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.
- _____. *Soma. Uma Terapia Anarquista*. Vol. 2. A Arma é o Corpo. Rio de Janeiro: Guanabara, 1991.
- _____. *Eu é um outro*. Salvador: Maianga, 2002.
- FREIRE, Roberto & BRITO, Fausto. *Utopia e Paixão. Política do Cotidiano*. Rio de Janeiro: Rocco, 1988.
- GALLO, Silvio. *Pedagogia do Risco: experiências anarquistas em educação*. Campinas: Papirus, 1995.
- _____. *Pedagogia Libertária: anarquistas, anarquismos e educação*. São Paulo: Imaginário/Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2007
- GOIA, Jorge. *Conversações com um Terapeuta Anarquista – Roberto Freire e a Soma*. Dissertação de Mestrado. PPGPS/UERJ, 2001.
- MELLO, Zuza Homem de. *A Era dos Festivais – uma parábola*. São Paulo: Editora 34, 2003